

## Introdução

Este número da revista *Estranhar Pessoa* é inteiramente dedicado às leituras pessoais de Eduardo Lourenço. Nascido a 23 de maio de 1923, em São Pedro de Rio Seco, no distrito da Guarda, o ensaísta escreveu mais de mil páginas centradas na obra de Pessoa, além de outros inúmeros textos em que o cita ou a ele se refere. O poeta dos heterónimos está, como não se cansou de sublinhar, *por todo o lado*, nas suas reflexões e nos seus escritos.

Pessoa é para Lourenço a expressão mais aguda de um conjunto de tópicos definidores de problemas fundamentais da condição humana na modernidade. A poesia não é, neste âmbito, como afirma em entrevista a Carlos Vaz Marques (*Ler*, set. 2008), uma “espécie de canto ornamental da existência humana”, mas “aquilo que nos põe em contacto com qualquer coisa que até ali nós não víamos, não sentíamos”, e assim nos “oferece um mundo”. Reconhecendo na poesia, em linha com um pensamento definidor da hermenêutica moderna que nasce da fenomenologia, o lugar privilegiado de uma leitura reveladora de um mundo, é em Pessoa que identifica a sua expressão decisiva.

No ano de celebração do centenário do seu nascimento, sucederam-se em 2023 homenagens ao mais importante pensador português do passado século, sob a forma de conferências, seminários, debates, exposições, edições ou roteiros, segundo um programa de celebrações de que dá nota o portal criado para este efeito pelo Centro de Estudos Ibéricos ([centenarioeduardolourenco.pt](http://centenarioeduardolourenco.pt)). A Casa Fernando Pessoa organizou o colóquio *Tópicos Pessoanos de Eduardo Lourenço* ([casafernandopessoa.pt/pt/cfp/topicos-pessoanos-de-eduardo-lourenco](http://casafernandopessoa.pt/pt/cfp/topicos-pessoanos-de-eduardo-lourenco)), integrado neste programa, concebido em colaboração com Pedro Sepúlveda, contando com o apoio da Embaixada de Itália, e realizado no espaço da Casa, a 7 de dezembro desse ano. Este colóquio propôs refletir sobre alguns dos tópicos de que Lourenço encontra na obra pessoana expressão decisiva, não apenas para ler devidamente a obra, mas como modo de pensar fundamentos da condição humana. As reflexões expostas no colóquio deram origem aos artigos reunidos no presente caderno homónimo, que desenvolvem intuições aí apresentadas e discutidas, propondo novos argumentos acerca dos referidos tópicos. A publicação dos artigos neste caderno resulta de uma parceria entre a Casa Fernando Pessoa e o projeto Estranhar Pessoa, sediado no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), do qual a Casa é parceira regular.



Eduardo Lourenço reconhece em Pessoa uma obra de natureza genial, como afirma na primeira frase do único livro que escreveu e publicou, *Pessoa Revisitado*, em 1973. A partir desta afirmação, que possuiu à época uma dimensão polémica, o ensaísta define-se enquanto leitor apaixonado da obra. Nesse livro, que designou como o seu “romance”, associando o labor de crítica a um cunho iminentemente pessoal, considera que “está tudo o que penso e sou, falando da forma mais distanciada e íntima de mim próprio”, caracterizando-o como o texto em que estaria “mais presente, embora através de outro” (entrevista a José Carlos Vasconcelos, *Visão*, mai. 2003). Nele critica uma redução da *estranheza* da obra pessoana, que decorre da aplicação de certos pressupostos por parte dos seus principais críticos e ofusca a amplitude do seu significado. Será impossível reduzir a ensaística lourenciana sobre Pessoa, recentemente reunida nos dois volumes das suas Obras Completas *Pessoa Revisitado, Crítica Pessoana I (1949–1982)* e *O Lugar do Anjo, Crítica Pessoana II (1983–2017)*, publicados pela Gulbenkian, a algumas teses ou ideias centrais. Um dos traços do seu ensaísmo é o de produzir movimentos de sucessivas aproximações ao sentido da obra, sem se limitar a fixar um desses sentidos e revendo também permanentemente as suas posições, num diálogo polémico mas profícuo com a crítica.

Nunca perdendo de vista o seu contexto epocal, Lourenço identifica em Pessoa não a mera expressão de uma crise de valores da modernidade, mas uma resposta singular a essa condição moderna. Sublinha o permanente jogo de contaminação entre a realidade e a ficção que a obra pessoana propicia, permitindo destacar o modo como o que tomamos por real depende de uma dimensão profundamente mítica. Assinala um sentimento de ausência, perante si mesmo, o outro e o mundo, que perpassa na obra, enquanto revelador de uma falta de plenitude identitária do humano, com a qual o poeta se debate de forma persistente, num combate de contornos trágicos. O reconhecimento do caráter plural e fragmentário da obra não o impede de nela identificar uma ideia de conjunto, composto e pensado como um todo orgânico, que visa produzir um sentido amplo. Questionando reduções do fenómeno heteronímico às suas dimensões psicológica ou sociológica, analisa de forma abrangente os seus fundamentos filosóficos e literários, que remetem a aspetos definidores da própria existência humana, inseparável da época em que se situa. Reconhecendo uma natureza genial quando os primeiros leitores se esquivavam a semelhante diagnóstico, irá evidenciar também a construção posterior de um mito-Pessoa, decorrente da sua canonização enquanto figura internacional, instrumentalizada para efeitos de difusão de uma mitologia cultural, alertando para um conseqüente obscurecimento da sua singularidade.



Os artigos reunidos neste caderno analisam criticamente alguns dos principais tópicos pessoais das leituras de Eduardo Lourenço, seguindo o propósito de pensar, em diálogo com elas, importantes questões de foro literário, filosófico ou cultural. Os dois primeiros artigos atentam em relações entre as leituras pessoais de Lourenço e o seu entendimento reconfigurador da literatura portuguesa do séc. XX. Joana Meirim debruça-se sobre os seus ensaios dedicados à obra de Jorge de Sena. Partindo da ideia de que Pessoa é a sua principal “bússola interpretativa”, Meirim mostra de que modo Sena se constitui como o “anti-Pessoa” do ensaísta. Esta caracterização parte, como sublinha, de uma proposta do próprio Sena, que assinala amiúde a sua proximidade face a Camões e encontra em Pessoa o seu contraponto. Ao traçar esta figura de um anti-Pessoa, Lourenço confere especial atenção aos ensaios senianos sobre Camões, assinalando a autora um silêncio lourenciano perante a crítica pessoal de Sena, que coincide com um silêncio seniano sobre os ensaios pessoais de Lourenço. Carlos Neto confere particular atenção a um outro silêncio, o da omissão, no conhecido ensaio “Uma Literatura Desenvolta ou os Filhos de Álvaro de Campos” (1966), de possíveis relações entre o movimento surrealista português e o advento de uma “Nova Literatura”, que Lourenço encontra expressa em romances publicados nas décadas de 1950 e 60, de Agustina Bessa-Luís ou Almeida Faria, assim como em obras poéticas deste período, de Natália Correia ou Herberto Helder. Neto analisa uma importante correção desta omissão por parte de Lourenço, que, doze anos mais tarde, no ensaio que abre o volume *O Labirinto da Saudade* (1978), aponta para a importância da ação subversiva do surrealismo enquanto intervenção sobre a consciência nacional e a produção de uma “contra-imagem” de Portugal. Será a partir desta valorização do contributo surrealista que irá apontar para o seu elo com a “Nova Literatura”, em que reconheceu já no ensaio de 66 a capacidade de impugnação de valores que determinam certas imagens da nação portuguesa e dos portugueses.

Os dois artigos seguintes, de Flávio Rodrigo Penteadado e Richard Zenith, debatem-se com o lugar do erotismo na ensaística pessoal de Lourenço. Penteadado reflete sobre a posição singular desta questão no seu principal ensaio, *Pessoa Revisitado* (1973), defendendo a hipótese de que ela seja crucial na argumentação apresentada no livro. Embora reconheça o cuidado eufemístico com que este tópico é tratado, considera-o um ponto nodal do ensaio, através do qual Lourenço confere um sentido aglutinador a diversas vertentes do texto pessoal e inclui uma perspetiva psicanalítica na sua leitura. Analisando o conhecido diagnóstico de uma *sexualidade branca* em Pessoa, Penteadado sublinha a importância de tomar este conceito não como mero desinteresse pelo sexo, mas



enquanto sofrimento que resultaria de uma pulsão reprimida, de índole homoerótica. Richard Zenith apresenta uma leitura do último poema publicado por Pessoa, *Conselho*, em novembro de 1935, sugerindo um alcance mais amplo do seu sentido nuclear que o sugerido por Lourenço, que encontra nele a expressão de uma angústia de ordem sexual. Concordando que a dimensão sexual é contemplada neste *conselho*, Zenith lê-o como uma ideia de alcance universal a respeito da relação entre o público e o privado. Sugerindo uma necessidade de manter em segredo certos pensamentos e sentimentos íntimos, incômodos para a vida em sociedade, e até para o próprio eu, o poema de Pessoa sublinharia, por outro lado, a necessidade de os preservar e transformar em contributos éticos e artísticos.

Apresentando um conjunto de reflexões sobre pontos de vista de Fernando Pessoa e Eduardo Lourenço a respeito do provincianismo, João Dionísio encontra em ambos uma descrição do provincianismo enquanto atitude mental. Articulando apontamentos teóricos com elementos biográficos de ambos, Dionísio sublinha que apenas Pessoa o tomou como tópico central da sua ensaística, podendo o pensamento lourenciano sobre este conceito ser extraído de ensaios que se debruçam sobre outros temas. A associação entre provincianismo e capacidade de admiração, retirada do conhecido ensaio pessoano sobre o provincianismo português, e de uma possível leitura dos versos de Jorge de Sena sobre Lourenço “É inteligente, arguto, viajado, / mas vive sempre com a aldeia ao lado”, conduz a uma caracterização das leituras pessoanas de Lourenço enquanto expressão de uma admiração incondicional. Percorrendo diversas etapas destas leituras e atentando especialmente em ensaios que têm como foco um determinado tópico da obra, Pedro Sepúlveda encontra nelas a imagem recorrente de um Pessoa trágico e romântico. Esta imagem surge como resultado da identificação por Lourenço de um conflito insolúvel entre realidades ontológicas opostas no texto pessoano: a realidade e a ficção, a autenticidade e o fingimento, a totalidade e o fragmento, o conhecimento e a ignorância ou o amor e a sua ausência. Neste conflito, o ensaísta reconhece um lamento pela falência do que é almejado, que coexiste com um desejo ilimitado de plenitude da experiência humana, encontrando nesta coexistência uma articulação entre o trágico e o romântico.

Debruçando-se sobre um tópico da ensaística lourenciana em que o literário e o cultural se cruzam, o do “mito-Pessoa”, Vincenzo Russo propõe uma análise da dupla dimensão mitográfica de Fernando Pessoa, considerado poeta-símbolo de Portugal e arauto de uma universalidade póstuma. Sublinhando a necessidade sentida por Lourenço de denunciar uma instrumentalização



da figura de Pessoa, usada como mero pretexto para um reforço da mitologia cultural portuguesa, assinala uma conseqüente distorção do seu pendor subversivo e a rasura do seu legado trágico. No âmbito da própria mitografia de Pessoa, Russo aponta para uma inseparabilidade entre a construção de uma nova imagem da pátria e o projeto poético pessoano, vendo nesta construção um gesto de superação das visões herdadas da Geração de 70 e do saudosismo de Teixeira de Pascoaes, através do qual o poeta cria uma imagem da nação portuguesa exclusivamente projetada no futuro.

Assim como no caso do “mito-Pessoa”, detalhadamente examinado por Eduardo Lourenço, lidamos nas leituras da ensaística lourenciana com o risco de cedência a um discurso meramente laudatório, que decorre da própria canonização da figura do pensador, sedimentada após a sua morte, a 1 de dezembro de 2020. Esta canonização tem como possível e lamentável consequência uma obliteração do seu pendor crítico, subversivo e polémico, que convoca um exercício contínuo de análise e pensamento. Os artigos reunidos no presente caderno almejam contornar esta dificuldade, movendo-se numa articulação difícil entre a admiração por certas intuições e a necessidade de, com elas ou a partir delas, repensar tópicos fundamentais da obra de Pessoa e da modernidade literária.

Pedro Sepúlveda  
Lisboa, outono de 2024

